

ILLUSTRACÃO CATHOLICA



BOM JESUS -- BRAGA

Formosissima fonte da Renascença,
que primitivamente estava no
Paço Arqueiepiscopal

(Fot. Humberto Lima)

Braga, 26 de Maio de 1928

NUMERO 325 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.*da*

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

CASA EDITORA CATHOLICA

Livraria, Papelaria, Artigos Religiosos

Armenio Sotto Mayor

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) **BRAGA**

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, vélas de cêra, etc.



ILUSTRACÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

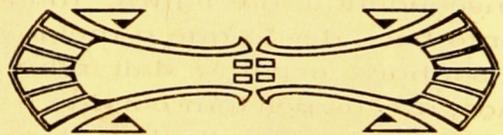
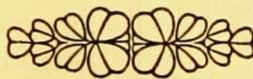
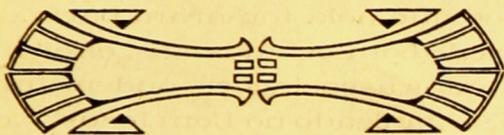
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 26 de Maio de 1928

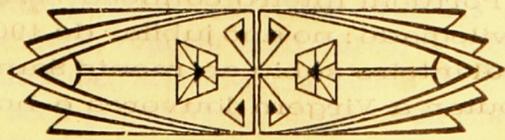
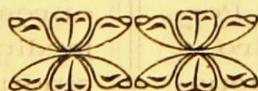
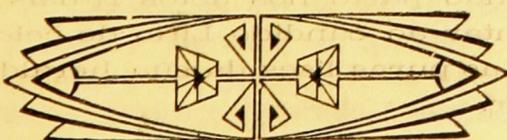
Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 325



BRAGA -- Uma festa no Ateneu Comercial

(Foto-Chic de Alberto Marques)



CRONICA DA SEMANA

Braga aos pés da Virgem

QUANTAS vezes desde que ha pouco mais de meio seculo se erigiu no alto do Sameiro o monumento da Imaculada Conceição, quantas vezes, em piedosa romagem já tem ido ali a alma portuguesa, ora representada por pequenos grupos, ora em grandiosas, apoteoticas multidões! ? Nem o Santuario, certamente tem registado completamente todas essas piedosas romarias, porque impossivel lhe fôra fixar, sequer as mais importantes delas, as que excendem o ambito de uma devoção familiar.

E desde que o meigo sorriso da Senhora, que é divinamente inspirada — dir-se-hia — aquela magnifica representação esculptural tanto a correcção impecavel das suas linhas, e o simbolico da sua attitude se harmonizam com o transcendental da figura, magestosamente bela, desde que o meigo sorriso da Senhora espalha dali afluvios de graça, a seus pés tem corrido a humanidade dolente a pedir-lhe o doce patrocinio de sua bondade. E Maria os tem escutado. A' Virgem do Sameiro poderiamos dizer com o poeta :

Quantas maguas, quantas dores,
Tendes vós aliviado,
O' Mãe do Crucificado,
Refugio dos pecadores !

Aos pés de Maria Santissima, meigo refugio da dolente humanidade tem sempre corrido os pobres, desgraçados filhos de Eva. E Maria os ouve benigna, e do seu excelso trono espalha multidão de graças, de beneficios e de dons.

Por toda a parte se erguem templos em honra de Maria, simulacros da sua effigie, lapides votivas, monumentos, recintos a ela consagrados. Assim os celebres santuarios de Monserrate e Saragoça, entre nós os da Nazareth e dos Remedios, e milhares de outros. Assim tambem os logares onde aparições da Virgem determinaram a consagração de um local ao seu culto, como as modernas Lourdes e Salette, e outr'ora a fonte constantinopolitana do seculo v, igual em fama e prodigios.

O Sameiro é um logar especialmente dedicado à Virgem, por espontanea e devota oblação da piedade bracarense.

Portugal inteiro conhece esse logar privilegiado: no ano jubilar de 1904, Portugal inteiro subiu ao monte Sameiro, a tributar à Virgem louvores e homena-

gens tão sinceros como entusiasticos.

*

Neste ano de 1928 parece que se reacende o culto da Virgem do Sameiro, por uma forma deveras consoladora. Varias peregrinações se anunciam para subir a esse legar privilegiado da devoção mariana, e depositar aos pés de Maria as súplicas, os votos, as homenagens do povo português.

Foi a primeira dessas grandes manifestações de fé a peregrinação do arceprelado de Braga que se realizou em 20 de Maio corrente. A inconstância ou, dizendo melhor, a inclemencia do tempo, não impediu que se juntasse no Sameiro uma grande multidão, pois, sendo a peregrinação limitada ao arceprelado de Braga, se contavam por dezenas de milhar os que nela tomaram parte.

Cerca de cem estandartes, chefiando outras tantas associações, ondearam no prestito, organizado no Bom Jesus, e que subiu montanha acima a cantar hinos em honra da Virgem, e preces à sua misericordia,

Chegados lá acima, após uma allocução aos peregrinos, proferida pelo rev. Ferreira Fontes, foi cantada pelo povo a Missa com a melodia designada «de Angelis». E' indescriptivel o efeito de uma missa cantada deste modo pelo povo. Percebe-se então a finalidade e o espirito das prescrições liturgicas que se escondem numa penumbra quando, como se vê por vezes, a divergencia entre o povo e o oficiante não pode ser mais marcada.

Depois do uma hora de adoração, saiu sob o palio a Sagrada Eucaristia, com a qual foi dada a benção aos doentes — pois na peregrinação tomaram parte 98 doentes — sob uma chuva que naquele momento a tornou torrencial. Mas ninguem se afastou dali, ninguem arredou pé, e o canto de *Tantum Ergo*, ritmado pelo chocalhar da chuva e o assobio do vento era de uma grandiosidade inenarravel,

Braga esteve aos pés da Virgem do Sameiro, em pleno mês de maio, nesta quadra que a devoção lhe consagra tão especialmente. Ahi o Corpo Nacional de Scouts, acampando fronteiro ao templo, e tomando parte nos actos rituais foi apresentar ao candido Lirio do celeste jardim, as puras lises da sua heraldina singular.

A A. Ferreira Botelho

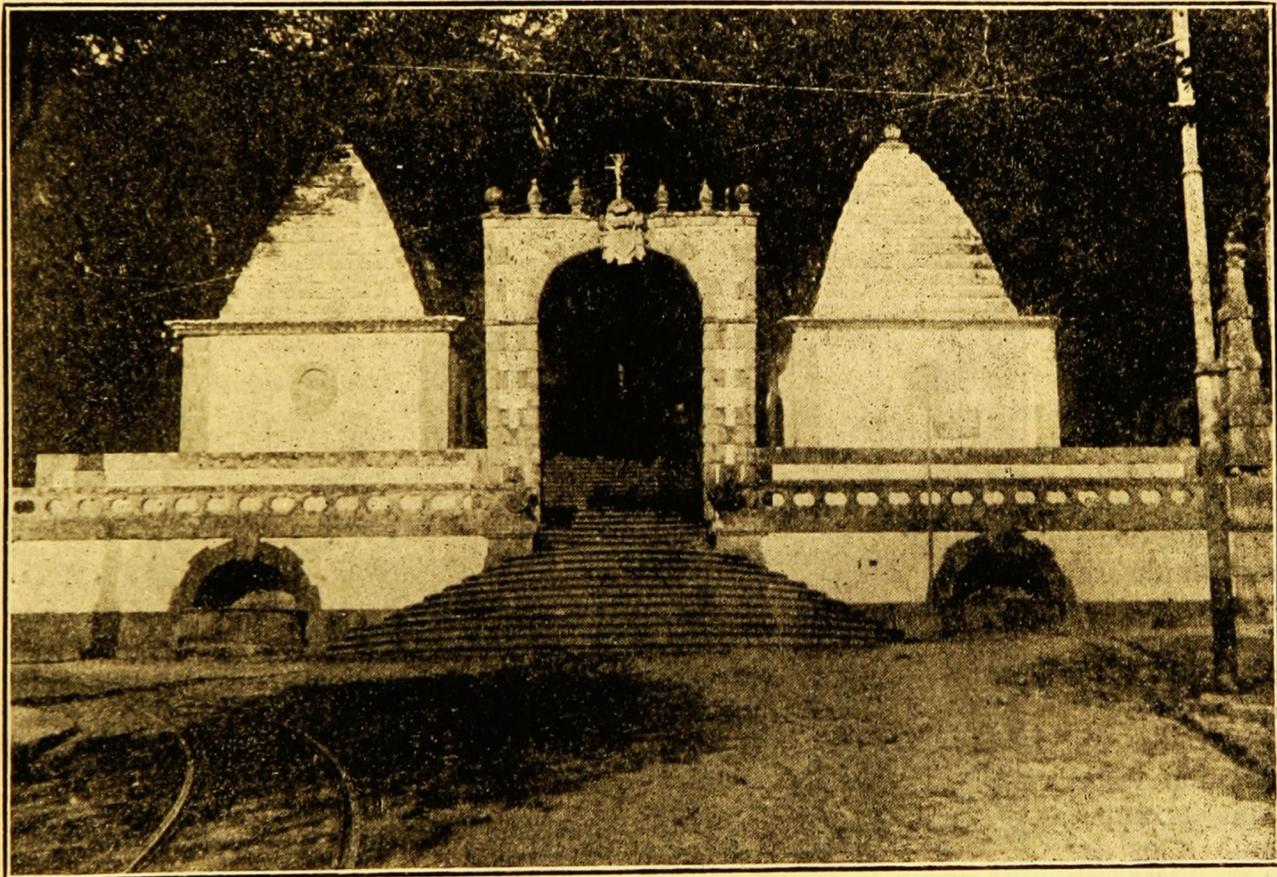
... A' tarde, o vapor voga em pleno mar das Canárias. No horisonte nevoado e pardacento, sobre um recórte de nuvem, como no negativo duma chapa fotografica, tonalisa-se uma mancha alta que logo depois, a novo influxo da luz, se faz escura e toma, em positivo, os contornos boleados de visos de montanha.

— Las Palmas! dizem.

Volvidos minutos, quando os reflexos do sol-pôr a custo vencem a penumbra e vão

sas largas vagas de emigrantes que veem drenando da Europa vidas e vidas, quantas vezes para irem demarcando com cadáveres, nas rotas da navegação, as carreiras de retôrno às térrinhas natais do Continente!

E' a hora do funeral, essa extranha e inesquecível cerimónia do lançamento de um cadáver ao mar, durante a viagem. Ao pé de mim uma criança poláca. O rosto branco a emergir-lhe dum abáfo de péles, mais pálido parece, sob os cabelos pretos, e a luz dos



BOM JESUS — Portico

(Fot. Humberto Lima)

prismar-se entrecerrados nas massas de nuvens cumuladas nos longes marinhos, a montanha todo corcoveia nitida, tendo estendida aos sopés a planura longa da ilha. Rompem de terra os primeiros focos electricos numa Avenida. A silhueta da ilha é de rôxo esbaido. O mar é brando. O vento é frígido, como a marcar o transito das latitudes tropicais para o outôno das do norte, já entrado.

Gaiotas traçam, em largos paíros, halos de vôos, em derredor do *Tanganika* que vai pouco a pouco ralentando a sua marcha.

Na vespera, precisamente quando em todas as classes, ao fim de jantar, recomeçavam os bailes, morrêra de qualquer doença cerebral um pobre passageiro da terceira, um alemão, — destrôço ignorado e humilde des-

olhos, grandes e escuros, dir-se-hia derramar-se-lhe triste no difuso clarôr do sol agonizante.

Já a maruja se aprêsta à condução do féretro. Tiro informações e subo ao *deck* superior.

Ao vento que transe, regêla e esfusia pelo cordâme e pelos mastros, enquanto se ultimam os arrúmos, grupos de passageiros assistem, uns no tombadilho, outros em cima da grande tampa do porão de vante. A meio, o piano e a reduzida orquestra de bórdo.

O sol vai descendo lento, muito lento. O vapor arfa devagarinho sobre as águas de um azul escuro, rolando mais surdo, à medida do fechar das sombras. A sineta de bórdo tange sêca por entre os sussuros do vento.

A lua, em quarto minguante, recurva-se no céu alto por cuja vastidão, fosforejam os primeiros luzeiros da noite que vem perto.

A maruja faz subir da terceira classe o caixão oblongo pintado a negro onde descansa o despójo do pobre emigrante, sobre cuja tampa poisam uma cruz de madeira traçando o signo absolutório da paz.

Vinha de Luderitzburg, no Oeste, após cinco anos de rude trabalho nas minas, diz-me o imediato. Mandára a esposa e dois filhinhos no vapor precedente, a aguardá-lo nos cais de Hamburgo. Na manhã do dia em que lhe sobreviéra o ataque palúdico, fôra a comprar bonécas e brinquedos, ao barbeiro de bórdo, para prender os pequenos. Não se sabia mais nada daquela existencia.

O Comandante Koch, guardando sempre a sua natural distinção de oficial de marinha de guerra (andára no *Emdem*), o peito da farda coberto de medálgas ganhas em combate, vai acolhêr o féretro ao tópo da escada de acesso, e acompanha-o até ao portálo aberto de estibórdo, cobrindo-o com a bandeira alemã.

A sinêta continúa num tinído frio e triste como o monótono murmurio do mar, como o sonído do vento...

Então da orquestra sóbe vagarosa um acompanhamento e os assistentes entoam um cântico funebre, como um salmo, e a impressão de tudo torna-se mais gélida. Depois, faz-se silêncio. Officiais e marinheiros, perfilam-se. O Comandante fala: é uma alocução brève, de tom militar, mas evocadora, que as minhas remniscencias ao alemão conseguem compreender, movida pelo patriotismo absoluto ao germano vencido.

O môrto combatêra na frente ocidental, e êle exalta-o como a um irmão martirisado, fazendo do seu corpo exânime a ara sobre a qual mostra aos que ali o escutam (inglês francêses, americanos, portuguezêses e seus compatriotas) a grandeza e a saúde em Pátria distante que o obscuro mineiro do Oeste não chegou a beijar com os seus olhos. Isto é dito sentidamente com uma fluencia incisiva.

É finda a fala, emquanto ele abre um livro de orações rituais, os marinheiros preparam-sê.

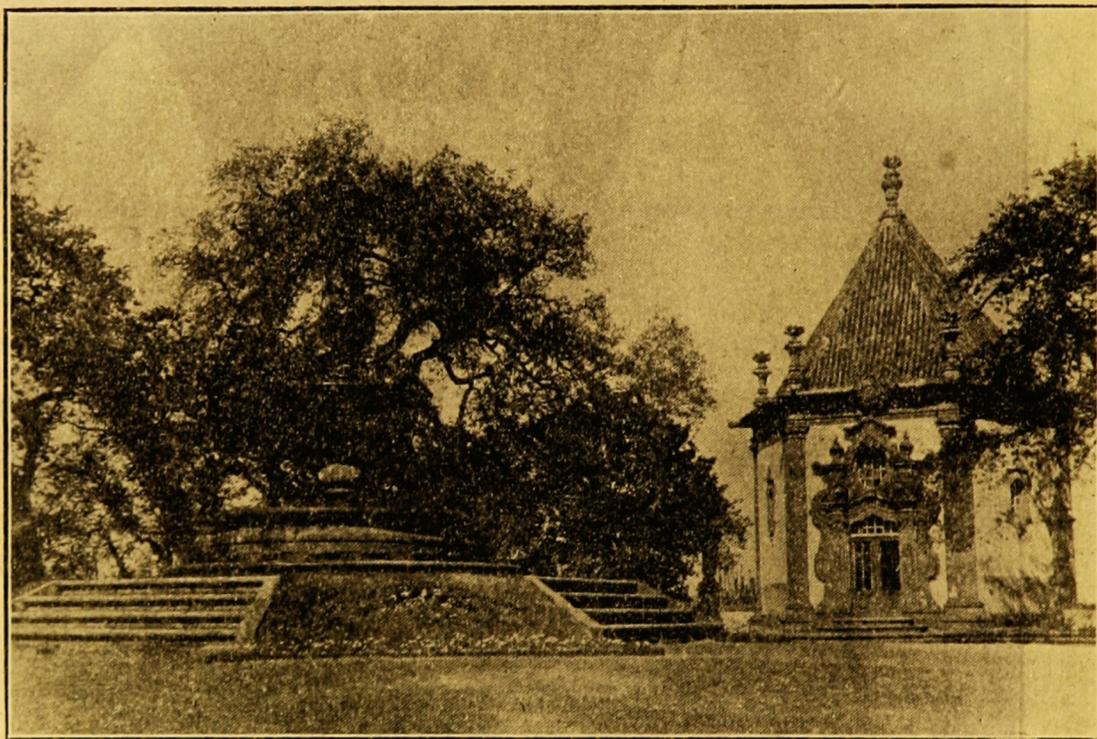
O Comandante lê quaisquer invocatorias. — Assim seja! respondem.

Do tope do mastro grande a bandeira desce a meia haste. A orquestra reacórda, e de nôvo um cântico alemão a acompanha. Volta a sinêta a ouvir-se solitaria, naquele ambiente caládo da morte. Marujos arrastam o caixão até à borda e iam a lançá-lo ao mar, quando o Comandante faz um sinal de detença e enuncia ainda as invocações finais.

— *Mein Gott!* abençôa o corpo do nosso irmão!

— *Mein Gott!* recebe a alma do nosso irmão!

— *Vaterland!* recorda aquele que morreu por ti! Ouve-se o ranger das cordas.



BOM JESUS — Largo das Tres Capelas

(Fot. Humberto Lima)

Las Palmas é agora muito visível, uma silhuêta baça, a todo o horisonte. O mar recolhe mais cávo a sua voz. Recrésce a entoação de um cântico. Officiais e marujos ficam saúdamdo em continencia.

Pouco a pouco, o caixão vai escorregando sobre a bórda, sustido nos cabos, a pulso de quatro marinheiros. Subito, as cordas deslaçam-se. Todos acódem às amuras. Lá em cima, a sinêta de bórdo vai tintinabulando triste sobre o rumor abafado daquele cemiterio marinho. Ouve-se o baque do caixão no mar, e sobre o remoinho das águas o Comandante atira uma braçada de flores.

É emquanto a orquestra faz ouvir o hino alemão, à flôr das vagas em caléma, no sitio onde ficou sepultado o pobre emigrante, ape-

nas se vêem boiando as flôres, a pequena cruz de madeira e a bandeira, que tinham sido para êle os ultimos adeus agasalhos...

O crepusculo findou esvalcente. Os montes da Grande Canaria fundiram-se quasi

totalmente no céu. Os grupos dissolvem-se em silencio, ao frio do poente moribundo.

E o vapor, reapressando a marcha, toma então rumo a Tenerife.

FRANCISCO VELLOSO.

Tenente Alcino de Vasconcelos

A «Ilustração Catolica» rende as suas homenagens ao snr. tenente Alcino de Vasconcelos, sentindo-se feliz por significar-lhe o seu maior apreço, abrangendo nas saudações que lhe consigna, a sua illustre Familia, cujo brazão nobilissimo é a sua imutavel e perfeita dedicação à Igreja

A senhora D. Thereza de Vasconcelos — sua mãe extremosissima, — é uma das mais piedosas damas do Norte, alma de cristalinas virtudes, de celsa simplicidade, de purissimo e santo coração, — verdadeiro modelo e scintilante decoraçào da especie feminina.

Quem não conhece em Portugal o irmão mais velho do nosso homenageado — o dr. Alcino de Vasconcelos? Ninguem que se interesse pela vida religiosa e social ignora o nobilissimo papel que este nosso velho e querido amigo desempenhou na fundação do C. A. D. C. Importa não esquecer os assinalados serviços por ele prestados, com suma inteligencia, firme devoção e heroico sacrificio à causa do Resgate Nacional, como figura de alto relevo da «geração imolada que fez dos proprios corpos e almas contundidos a estrada por onde passou em marcha a geração que ahi floresce — mais feliz do que aquela porque já não aprendeu à sua custa, menos feliz porque já não sentiu

a dôce turbação do entusiasmo no mais acêso do fôgo, nem mordeu os cortuchos nos quadrados supremos.»

* * *

Alcino de Vasconcelos é, sem favor, alguém no meio colonial. Depois de ter completado o *Curso Superior de Letras*, matriculou-se na *Escola Colonial*, da qual foi um aluno altamente classificado e justamente estimado de professores e de colegas, como ainda não ha muito o vimos assinalado na erudita e brilhante revista «Portugal em Angola».

Ainda em 1927 desempenhou, com superior competencia e brilho o alto cargo de Encarregado do Governo do Zaire, tendo, tambem, sido administrador e presidente do municipio de Santo



Tenente
ALCINO DE VASCONCELOS

Antonio do Zaire, logares que honrou e em que se distinguiu, como repetidas vezes o salientou a imprensa daquela Colonia, e nomeadamente, a «Provincia de Angola» — importante folha que diariamente se publica em Loanda e que passa por ser órgão do Senhor Alto Comissario.

Em Angola — segundo as mais idoneas informações — ainda permanece o criterio demagogico.

Pretendeu o nosso querido amigo snr. tenente Alcino de Vasconcelos que

em face de tal atmosfera, ele, conservador, partidario da Dictadura, admirador da obra do snr. Vicente Ferreira e colonial distinto, não podia abrigar-se dos odios demagogicos que tripudiam em Angola, e pediu a sua exoneração, retirando-se para Portugal tempo depois, em virtude de nem a exoneração lhe darem.

Maldosamente o quizeram dar como desertor, infame aleivosia que o Governo da Republica não confirmou, facto que muito honra e dignifica a Dictadura.

* * *

Ao consagrarmos estas linhas de

justiça e de apreço ao snr. tenente Vasconcelos, tributamos especiais homenagens à nobre Senhora que é sua Mãe amantissima, osculando reverentemente as piedosas mãos da Senhora D. The-reza de Vasconcelos.

Para o grande Amigo e antigo companheiro de santas batalhas — o major dr. Almiro de Vasconcelos — o braço mais preclaro da mocidade católica, «o maior dos seus iguais» um abraço de fiel amisade dos que lidam nesta trincheira cristã.

Z.

Santa Teresa do Menino Jesus

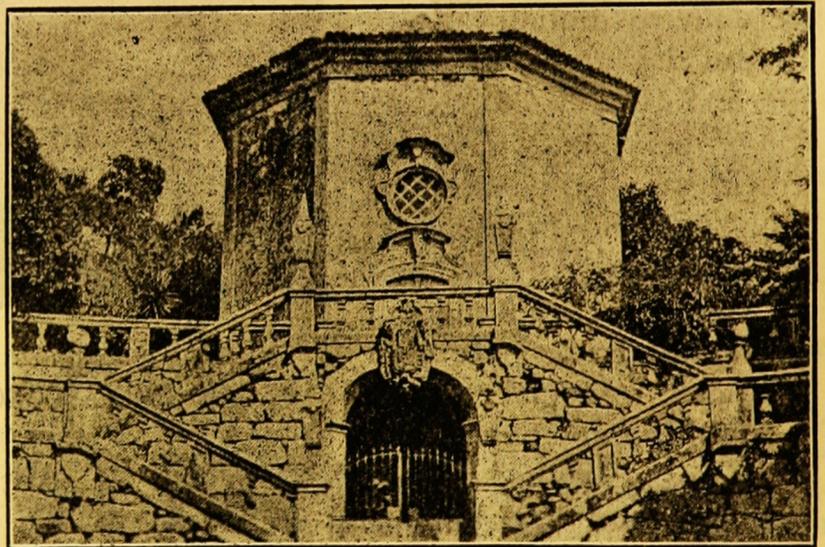
DA crassa e espessa vida contemporânea elevou-se maravilhosamente à perfeição evangélica a formosa donzela de Lisieux, asselando assim a inesgotável fecundade da Igreja em depurar as almas sedentas de infinito, e em as conduzir heróicamente à eviterna felicidade paradisíaca.

Santa Teresinha pertencia a uma família opulenta de recursos pecuniários, e já por impulsos pessoais, já por contemporizar com os seus, viajou pela velha Europa, não se subtraindo ao desejo natural de experimentar as comodidades do mundo contemporâneo.

Mas o seu espírito não se prendia a nenhum dos prazeres pluriformes que se lhe deparavam na agradável vilegiatura que realizou, antes sentia como prelúdio duma decepção cheia, prestes a dominá-la, o vácuo que o mundo material, até atraentemente organizado pela civilização, oferece «urbe et orbi» quando, beneficiados ao menos por uma scintilla de fé, o vamos apreciar sensorialmente.

A fina e fragrante flor de Lisieux não dava assim de mão ao mundo por

solicitações incoercíveis de raciocínios transcendentales, que a arrebatassem da perpétua ilusão dos sentidos para a contemplação de si mesma, pondo destarte em prática o princípio socrático — de que importa primeiro que tudo conhe-



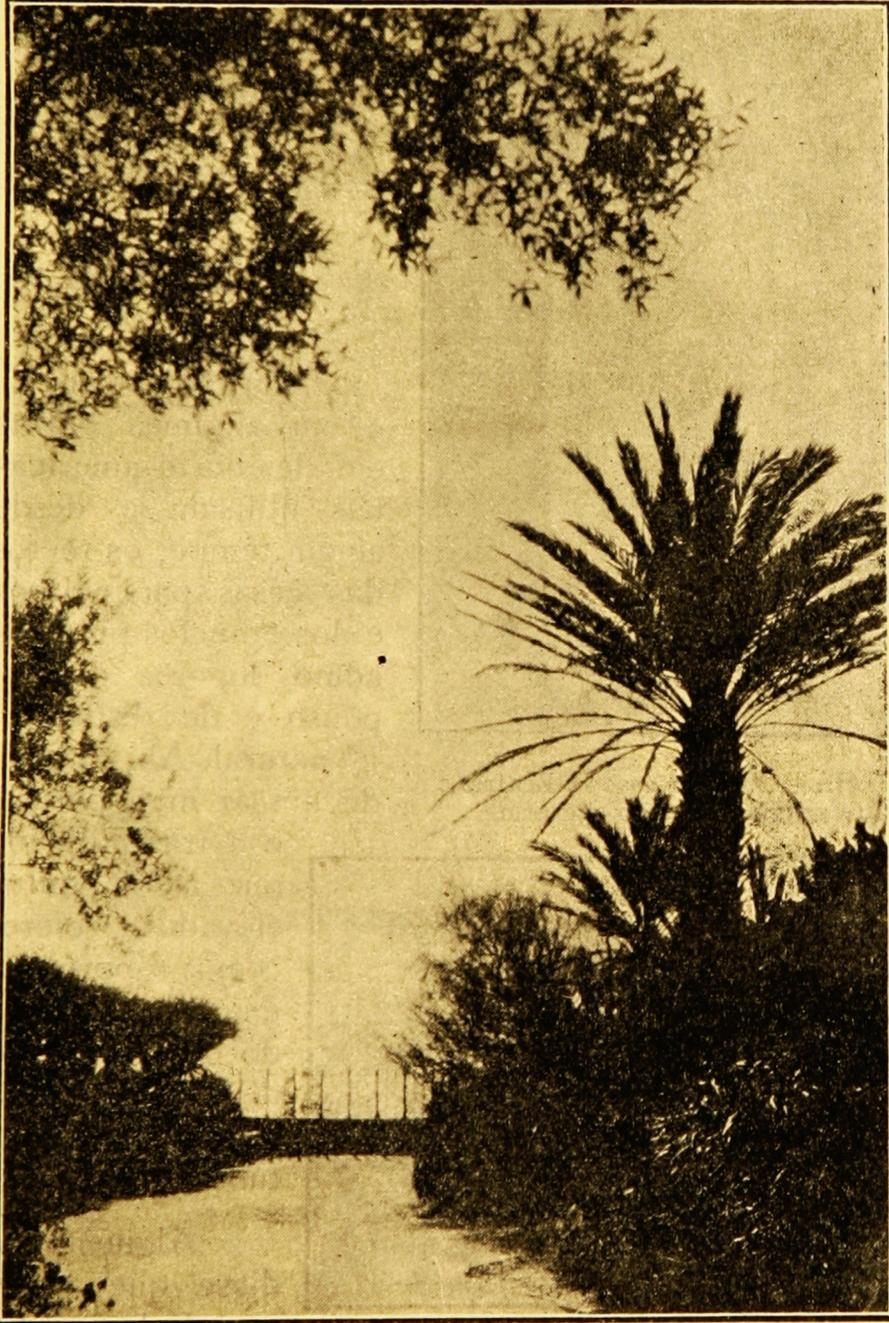
CASTRO DAIRE — Palacio das Carrancas

cermos, ou compreendendo por intuição que no mundo não há nada de novo: «Nihil sub sole novum».

Não, o seu espírito não se desembaraçaria da natural maleabilidade e curiosidade que são apanágio da fase pueril em que se encontrava, se a graça divina a não revocasse à consideração do

derradeiro fim humano, comunicando-lhe estupendamente aquela prudência que o mundo tanto admira na tenrura dos anos e se esforça em vão por atingir, dotando-a daquela temperança que limita os naturais apetites, revestindo-a daquela fortaleza que os maiores heróis, de que reza a história, desmedidamente

Leão XIII, contra todas as oposições que legitimamente lhe levantavam, a ideia de professar, e o fino e evangélico sorriso do grande pontífice, tão fino e evangélico que, como diz o nosso Eça, até as crianças o sabiam de cor, deu alento à sua pretensão. Tinha então 15 verdes anos.



CASCAIS — Efeitos de contra luz, na Quinta Palmela

(Fot. Alfredo Pinto Sacavem)

admiraram, esmaltando-a, alfim, com aquela justiça que estabelece, com a garantia do equilíbrio social, as sólidas relações entre o Criador e a criatura.

Obra da graça, Santa Teresinha soube corresponder-lhe, permanecendo-lhe fiel tanto quanto pôde a sua vontade. Em Roma expôs resolutamente a

zível, as fases da sua vida, conscientemente encaminhada para o Criador. Narra com simplicidade e verdade, afirmando pela Sagrada Escritura, com uma erudição digna de nota para a sua idade, os seus estados de alma sem se prender, por um banal romantismo, à sua própria cultura ou aos seus sentimentos.

Tudo nela são meios para atingir o divino Espôso, donde provém aquela abnegação que é a pedra-de-toque da santidade, e donde provém ainda, por paradoxal que pareça, em vida tão subjectiva aquele objectivismo que leva o espírito através de si mesmo, em impulsos indomáveis, a procurar a verdadeira realidade.

Esta alma eleita, em tão pouco tempo elevada canonicamente ao culto de dulia, reparou a apostasia que a França, a filha mais velha da Igreja, cometeu quando orgulhosa pôs a Fé abaixo da razão. A França do livre-pensamento (para errar!) já consagrou Linieux, como no século estúpi-

tudado tanto quanto estudou as «bonnes soeurs»,

Vejamos e saudemos nela o Espírito Santo, pedindo a Deus O continue a enviar, para que se criem estas maravilhas e assim se renove a face do mundo: «Emitte Spiritum tuum et creabuntur — et renovalis faciem terrae».

ANTÓNIO MENESES.



Jardins Pensis

Em Nova-York, e em algumas outras cidades norte-americanas utilizam-se desde algum tempo, os tectos das casas particulares e dos edificios publicos como logares de repouso e de distração. E' natural. Ahi se gosa de um ar mais puro, e e a tranquilidade que esses pontos elevados oferecem, proporciona a agradável ilusão do campo, muito distante da vida agitada e tumultuosa da cidade.

Alguem já disse que quem se desloca dez metros no sentido vertical, tem a mesma vantagem

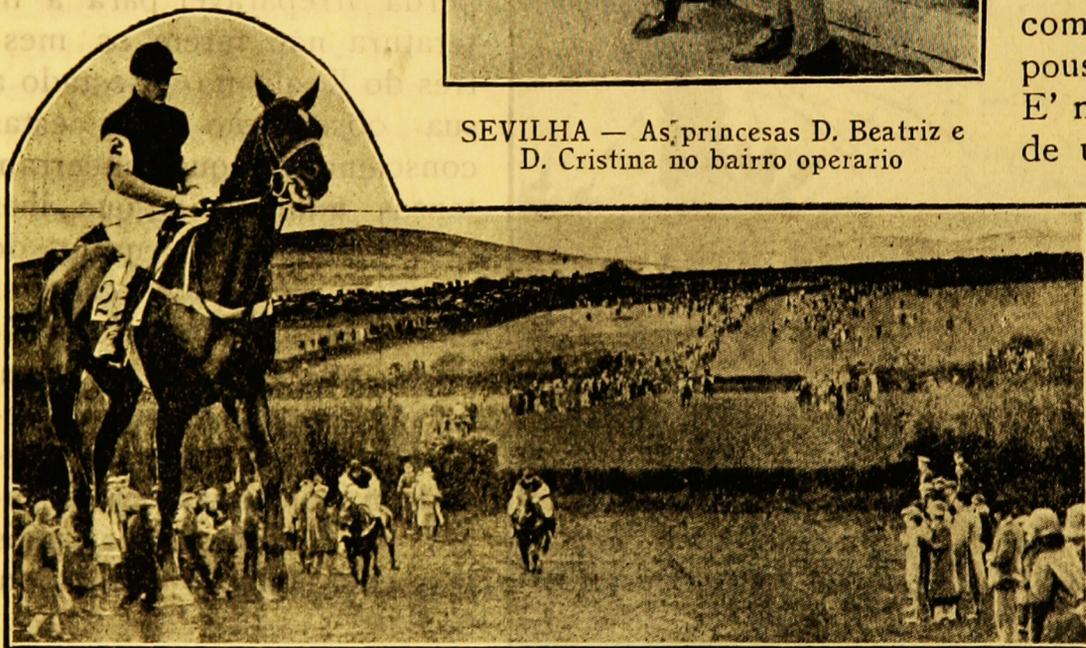
que se caminhasse mil metros em sentido horizontal.

Não surpreende, portanto, que os americanos, tão práticos, tenham tirado proveito das casas altíssimas de Nova-York e de outras localidades dos Estados Unidos.

Um modo pitoresco e atraente de



SEVILHA — As princessas D. Beatriz e D. Cristina no bairro operario

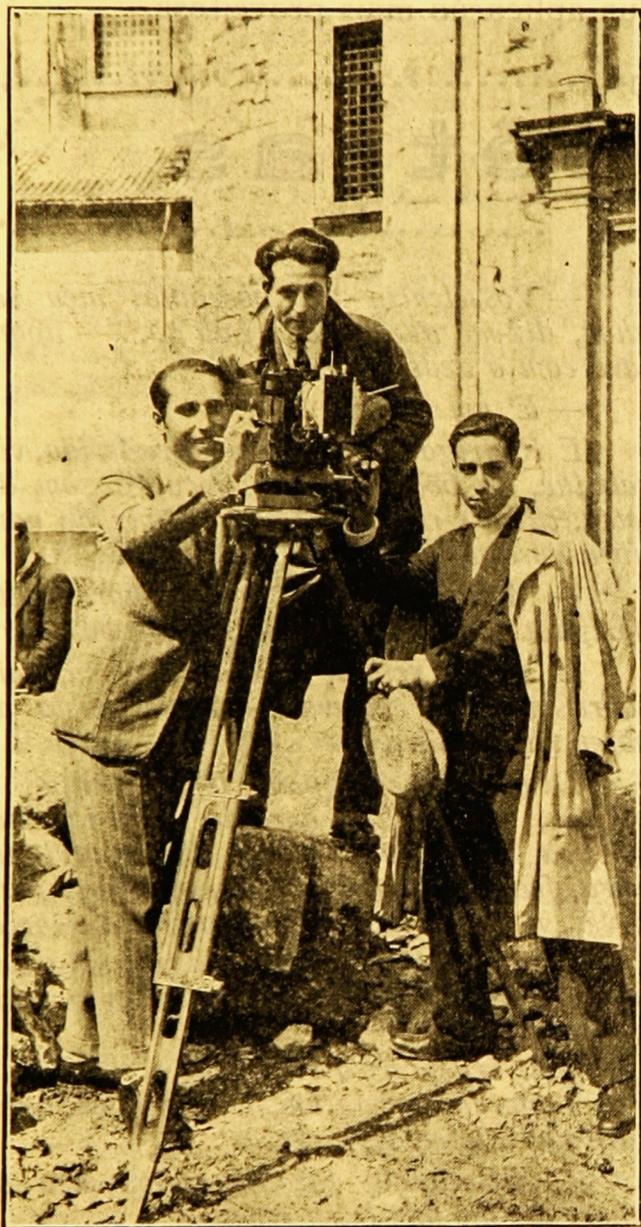


INGLATERRA — Importante corrida de cavalos em que ficou vencedor o principe de Gales

do (outros chamam-lhe das luzes!), em plena efervescência do ateísmo, consagrara Lourdes.

Alma anunciadora, na frase de Bazin, Santa Teresa do Menino Jesus encontrou na Igreja o par de asas indispensável para se elevar acima de si mesma, como diria Taine, se a tivesse es-

utilisar o tecto dos edificios consiste em criar aí um jardim. Actualmente, na grande cidade americana a que nos referimos, numerosas são as casas em que se distingue, na parte superior, um gracioso jardim pensil. E' um oásis no meio dos tectos dos edificios vizinhos.



O Snr. José Costa e seus companheiros tiram uma fita cinematografica da vida do Sameiro

(Fot.-Chic de Alberto Marques)

Esses jardins são subdivididos em tantas partes quantos são os andares da casa, isto é, cada familia tem o seu «little-garden», onde há uma mesa rustica, pequenas cadeiras, e, invariavelmente, um toldo, destinado a preservar dos raios solares os moradores que, à tarde, ali sobem, para receber um pouco de ar fresco e deleitar a vista na contemplação de um vasto horizonte.

Em algumas casas, habitadas por

80 pessoas de fortuna mediocre, vê-se, no tecto, em vez de um jardim, um terraço destinado ao «lawn-tennis» e ao «football». E, cousa curiosa, a luz electrica profusamente ilumina esses vastos terraços, onde, à noite, se póde jogar.

São, porém, os hotéis americanos, que tem dado mais desenvolvimento a essa ideia. Um dos principais hotéis de Nova-York tem no tecto um parque verdadeiramente maravilhoso, que póde folgadoamente conter cinco mil pessoas.

Nas alamedas floridas os hospedes sentam-se à sombra de pequenos pavilhões artisticamente construidos; e, ao som murmurejante das águas de uma cascata, almoça-se e janta-se no verão, porquanto no parque há salas diversas, inclusivé um salão para concertos. E esse luxo original sugere, naturalmente, à ideia a recordação dos fabulosos jardins pensis da Babilonia.

Sete dentre os maiores edificios de Nova-York, sete bibliotecas publicas, têm jardins aereos, acessiveis aos leitores. Os livros sobem e descem em rapidos elevadores electricos.

Ultimamente, algumas escolas adoptaram esse sistema, que o publico americano acolhêra com tanto entusiásmo. Nelas há jardins, mais ou menos extensos, que os alunos percorrem às horas de recreio, e em que já se vê, se organisam partidas de «tennis», e de «football».

Nos quarteirões centrais de Nova-York, a ideia desses parques pensis foi utilizada por varios restaurantes. Elevadores rapidos comunicam com os andares inferiores esses jardins, que, na estação calmosa, são procurados por todos os freguezes.

Um empresario teve tambem, há anos, a ideia de abrir um teatro no tecto de um dos mais altos edificios da grande cidade americana. Essa originalidade agradou. Em poucos mezes ele adquiriu imensa fortuna, pois, no verão, o publico frequentava de preferencia, o teatro aereo, onde gosava de deliciosa frescura. E, como se podia prevêr, outros emprezarios imitaram o primeiro,

de modo que, actualmente, há diversas salas de espectáculo nas mesmas condições.

Mas o novo sistema de utilização dos tectos das casas, presta, principalmente, importantes serviços aos hospitais. São numerosos aqueles em que se vê um jardim aéreo, para o qual são

transportados os doentes, quando os medicos assim julgam conveniente.

E para os tuberculosos que não se podem tratar nos sanatorios da Suissa, há, em Nova-York, pequenos sanatorios aereos, no alto das casas mais altas. Os jardins pensis tem, nesse particular, a sua applicação mais proveitosa.

○ F o m e - l ê t r a s

Era bem amargurada a historia do brasileiro.

Orfão de pai, morto de febre, no Pará, onde fôra à busca de fortuna, Rodrigo passara, desde os 5 anos, geadas e fomes, descalço e semi-nú até os braços lhe poderem cavar pão para ele e para a mãe, que lhe morrera aos 20 anos, depois de o ter isentado por orfandade, do serviço militar.

Encontrando-se só, vendeu a casita de colmo, esburacada, e partiu, rustico e venturoso, à cata de boa sorte.

Foram tragicos os primeiros tempos passados, com febre, num hospital do Pará!

Ainda mal convescido, principiou a conquista da fortuna, atrelado a uma carreta com bebidas alcoolicas e refrigerantes, carregou volumes de pêso brutal, moeu-se, deformou-se, quasi se linfatisou em dias longos de jejuns laboriosos, exgotando a seiva rica do seu corpo moço em suor empoeirado, escaldante.

Mas Rodrigo não perdia a esperança.

Uma tarde, tinha, no bolso, apenas umas moedas de cobre, para o jantar, e comprou um livro, jantando cascas de frutos, abandonadas num banco de jardim.

Mas o caixeiro do armazem de refrigerantes em breve se aborrecera das lições prometidas.

Rodrigo ainda não esmoreceu.

Pediria instruções nas ruas, como os mendigos pedem esmola.

Lembrava-se vagamente, de ter ouvido a historia de um mendigo, enriquecido com obulos de 5 reis...

E, desde esse dia, procurou, nos freguezes de bebidas, os seus professores de momento.

Depois de os servir, com os melhores gestos da sua rude delicadeza, rogava, humildemente, estendendo, nas mãos, o livro aberto, para os olhos dos freguezes, como o mendigo ergue a bandeja para a esmola suspensa das janelas ricas...

— Vosselencia faz obsequio, meu senhor, diz-me que letra é esta?... — apontava com o dedo.

— E' um R...

E Rodrigo, alvoraçado, agradecido, via cair-lhe, da bôca, sobre o livro, o som da letra, clara e rutilante como o tinir de uma libra nova na escudela de um pobre!

— Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado!... E' um R — repetia baixo.

E a sua retina, humida e tensa, caía sobre a letra, colava-se-lhe na ansia de obter uma copia.

Demorava-se, depois, longo tempo, a olha-la, fixava-lhe, anciado a fisionomia grafica, e quando a atenção lha absorvia inteira, fechava com beatitude, os olhos, para a vêr, nitida e impressa, dentro da cabeça.

Gosava até a ilusão de ir vendo desmaiar a letra, à medida que lhe ia passando à memoria...

Mas era preciso continuar.

Logo que servia um novo freguez, apontava-lhe a letra seguinte:

— Vosselencia faz obsequio, meu senhor, diz-me que letra é esta?

— E' um U...

E, de novo, polarisava as suas forças mentais nas pupilas sempre humidas e sequiosas, enquanto chegava um terceiro freguez que ensinava a silaba.

— Vocelencia faz obsequio, meu senhor, diz-me como faz um R e um U?

— Ru...

E este Ru ficava-lhe a tamborilar no ouvido como o sinal fonico de uma alvorada a nascer.

Depois outra letra, mais outra ainda, uma silaba, mais outra silaba, até lhe surgir, inteira, a palavra que ele festejava, remirando-a, carinhosamente, em todos os traços, para nunca mais lhe esquecer, como se ela fôra a imagem viva de uma irmã longo tempo ignorada...

A' noite contava, meticolosamente, as moedas e as palavras apuradas.

Quando, um dia, pela primeira vez, após um esforço doloroso, conseguiu ler, sozinho, o nome de uma bebida impressa num rotulo, tomou-o uma tal alegria, que guardou a garrafa como uma reliquia de coragem...

Rodrigo tornara-se assim, para a cidade, particularmente para a gente ilustrada, um tipo curioso de faminto intelectual.

A sua figura espessa e crestada de beirão inculto atraía a todos, homens serios e motejadores, curiosos de o ver.

A venda e os lucros aumentavam fabulosamente, tornando-se preciso montar uma barraca enorme para o movimento da freguesia.

Rodrigo estava maravilhado.

Como ouvia, incessantemente, apregoar as vantagens da instrução, acreditava que os progressos dos lucros estavam na razão directa da sua aprendizagem, e estudava cada dia mais, agora com um professor a quem pagava lições noturnas,

As moedas e as letras aumentavam, prodigiosamente, e, no fim do segundo ano, era já socio da casa, enriquecendo a grande velocidade.

Aos 30 anos casou com a filha de um grande capitalista, de quem cedo enviuvou, ficando-lhe uma filha de poucos anos e a fortuna centuplicada.

E sempre trabalhando, sempre acumulando, chegara aos 55 anos, cansado de negócios.

Agora, rico e ilustrado por mil leituras, o seu espírito de plebeu endinheirado começou a sentir necessidade de honrarias.

No Pará todos lhe sabiam dos começos...

Sobretudo esses professores que, a sorrir, lhe haviam ensinado o alfabeto, eram, para ele, um tormento!

Não os odiava, mas daria muitos contos para os saber felizes em outro continente...

Ainda se os perdesse de memoria!...

Mas, não; via-os, incessantemente, passar, titulares, burguezes, caixeiros e vagabundos, todos os que, a rir, lhe haviam dado a esmola de uma letra.

Era tão difficil apagar, da memoria, os seus traços físicos, como desaprender as letras por eles ensinadas.

Entre as letras e as suas linhas fisionomicas, havia tal relação de forma e ideia, que chegava a ver os rostos desenhados nas letras e as letras esculpidas nos rostos.

Rodrigo em tudo descobria analogias de forma, numa obsessão dolorosa e delirante.

Este, quando passava, de braço arqueado sobre a bengala, tinha a figura do h que lhe ensinara...

Aquele as saliencias gordas do B...

Era toda uma galeria mental, escarninha, perseguidora, onde surgiam, em fila, homens rigidos e esticados como o I, de feitiço rotundo como o O, de apparencia macrocefala como o P...

Até, às vezes, em horas de mau humor, nas letras juntas de uma palavra, parecia-lhe ver, agrupadas, as figuras zombeteiras dos que lha tinham ensinado...

A cada letra prendia Rodrigo uma figura, e nas paginas de um livro, pelas linhas fóra, como num caminho de humilhação, via as mesmas letras, os mesmos individuos, aqui dispersos, alem agrupados, em fileiras de troça, em colunas cerradas de hilaridade, por mil folhas, por todos os lugares, desde o jornal publico à carta mais intima, e todas estas letras, infernalmente multiplicadas, se perfilavam, zombeteiras, à passagem dos seus olhos sobre elas, para lhe gritarem, numa saudação de mofa, o seu conhecido nome de guerra:

« Adeus, ó Fôme-letras!... »

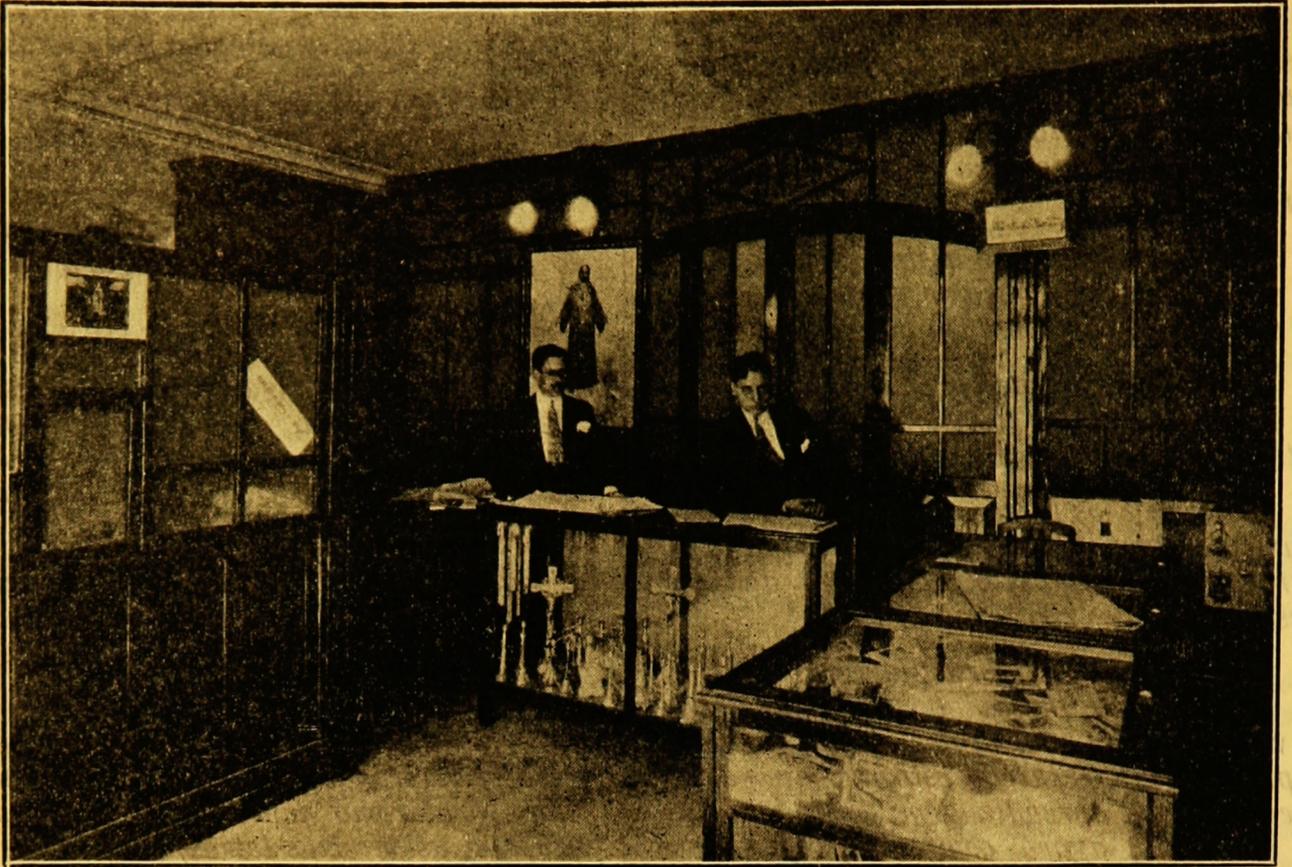
Rodrigo lembrou-se, então, com ansiedade, de regressar a Portugal.

E quando voltou à sua aldeia, entre a multidão que o aclamava, só ele recordava a sua ida para o Brasil, naquela manhã gelada de há 30 anos, embarcando, a chorar, numa carruagem de 3.^a, apinhada de gente que conversava alto, num ambiente saturado de alcool e de cigarros, onde se cantava a Remalda, à viola.

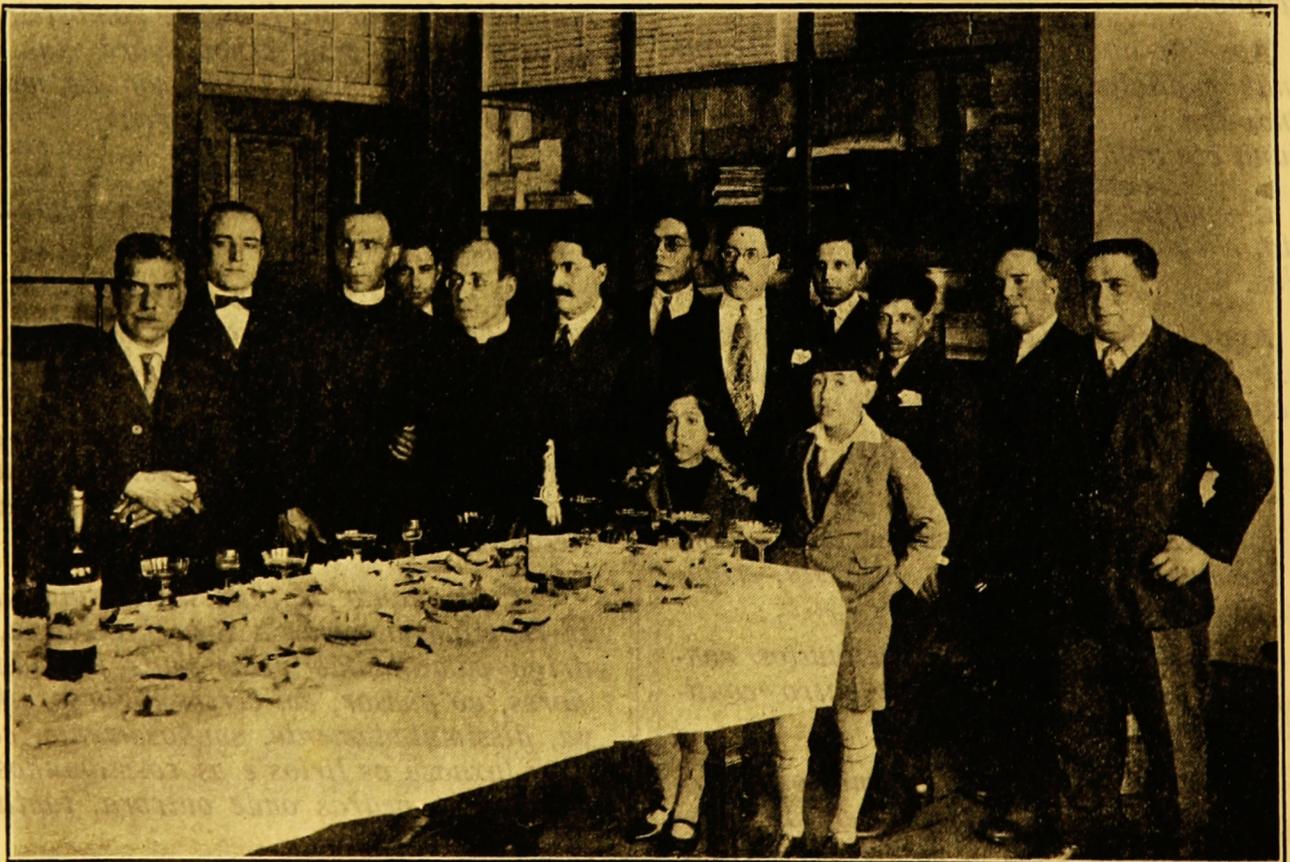
Emquanto os foguetes estrelavam e se repetiam os vivas a Sua Excelencia, Rodrigo caminhando pelas ruas juncadas de flores, ao passar, em certos logares, afastava, dissimuladamente, saudosamente, com a bota luxuosa os lirios e os rosmaninhos, para ver as pedras onde outrora, tanta vez, passara descalço...

NUNO DE MONTEMÓR.





A nova Livraria Litúrgica da sociedade «PAX» (Fot.-Chic de Alberto Marques)



Na inauguração da Livraria Litúrgica. — O seus proprietários com os membros da imprensa e convidados

(Fot.-Chic de Alberto Marques)

LIVRARIA LITÚRGICA

da Sociedade «PAX»

E' tão admiravelmente fecunda como criteriosa a acção e labor que iniciou, nesta cidade, a revista «Opus Dei», surgida do primeiro congresso português de liturgia.

Revista excelentemente pensada, prática, vai ela fazendo a propaganda da Liturgia nuns termos repassados de encantadora emoção. Mas a Liturgia não é só o frio ceremonial das rubricas, embora muita gente persista em confirmar nesse apêndice e adminículo dos livros rituais todo o pensamento litúrgico.

Contra isso reage lindamente a mencionada revista, e, mais ainda do que ela, a colecção de folhetos e livros preciosos que se vem editando pela mesma revista, obras que intentam vulgarizar sobretudo o espírito litúrgico, ensinando os cristãos a beber naquelas fontes de água viva e salutar de que teem andado tão desviados.

Para dar corpo e permanência e actividade a essa obra, constituiu-se a sociedade «Pax» com o director da mesma revista, D. Antonio Coelho e os seus irmãos segundo a carne, e tambem no espírito beneditino, srs. Laurindo Coelho, e Alberto Coelho.

Ultimamente, a esfera de acção que consistia na revista «Opus Dei» e na colecção do mesmo nome, prolongou-se com a abertura da «Livraria Litúrgica» onde se encontrou, a par das edições da casa, outros de conceituados editores da especialidade.

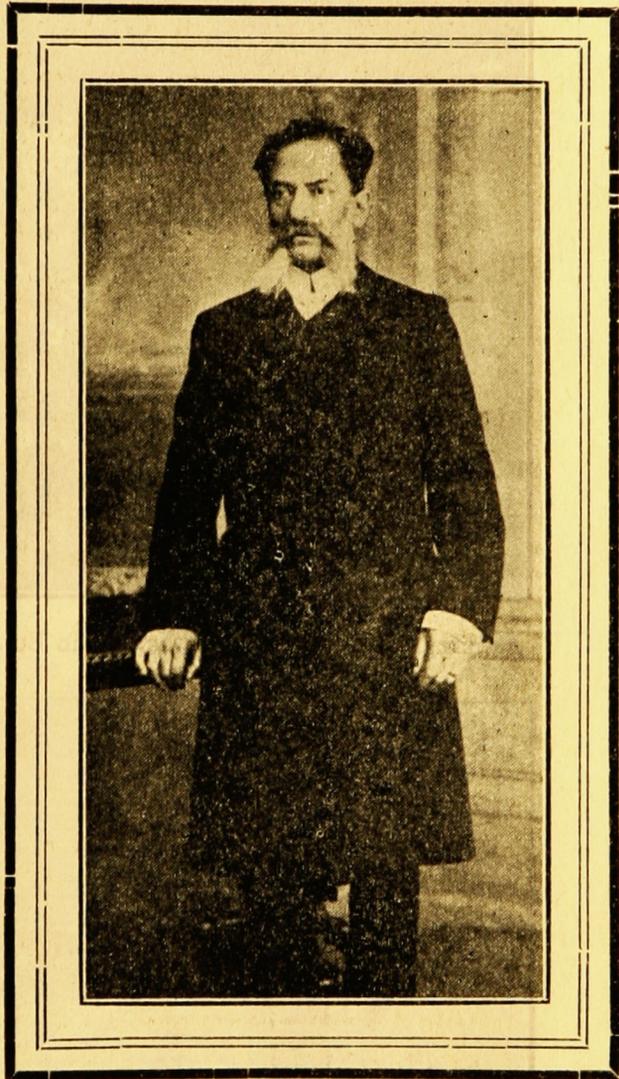
A «Livraria Litúrgica» vem deste modo completar o plano da Sociedade «Pax» e cooperar com a Revista «Opus Dei» no grandioso movimento de restauração litúrgica. Era uma iniciativa de que muito em Portugal se necessitava e pela qual rejubilamos, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Não são uma trivial formula de cumprimentos estas palavras: é que essas prosperidades representam a satisfação de uma das mais instantes necessidades portuguesas, a condição daquele ressurgimento cristão que será apenas falaz sem o solido pábulo da piedade litúrgica.

MANOEL BENTO DE CARVALHO

Com a idade de 81 anos faleceu ha dias em Braga, o sr. Manoel Bento de Carvalho, um dos mais respeitaveis negociantes de Braga, caracter de peregrinas qualidades.

Foi presidente da Associação Comercial de Braga, e serviu varios cargos com uma correcção de que deu largo exemplo.



Era natural de Vila Real, e dedicou-se á vida comercial durante 60 anos.

O seu funeral constituiu uma demonstração publica de quanto o saudoso extinto era justamente considerado.

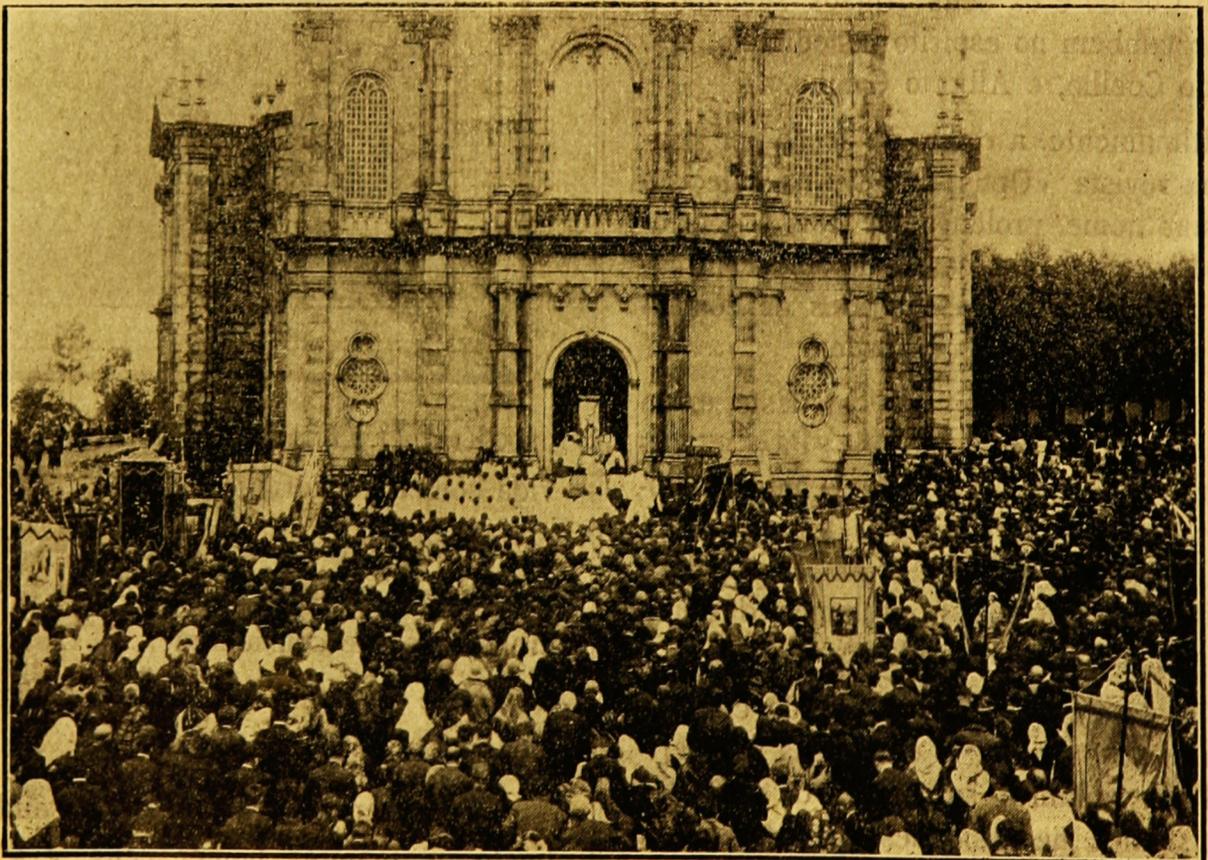
Nele tomaram parte representantes de todas as classes de Braga.

A imprensa local prestou ao saudoso extinto as maiores homenagens, e a elas se associa, tambem neste logar, a «Ilustração Catholica».

A ultima Peregrinação ao Sameiro

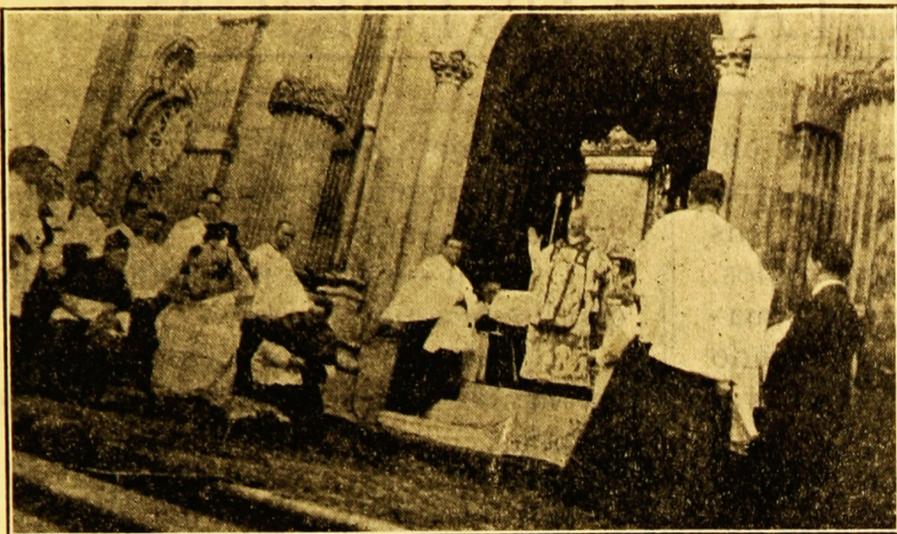


A peregrinação saindo do templo do Bom Jesus do Monte em direção ao templo do Sameiro

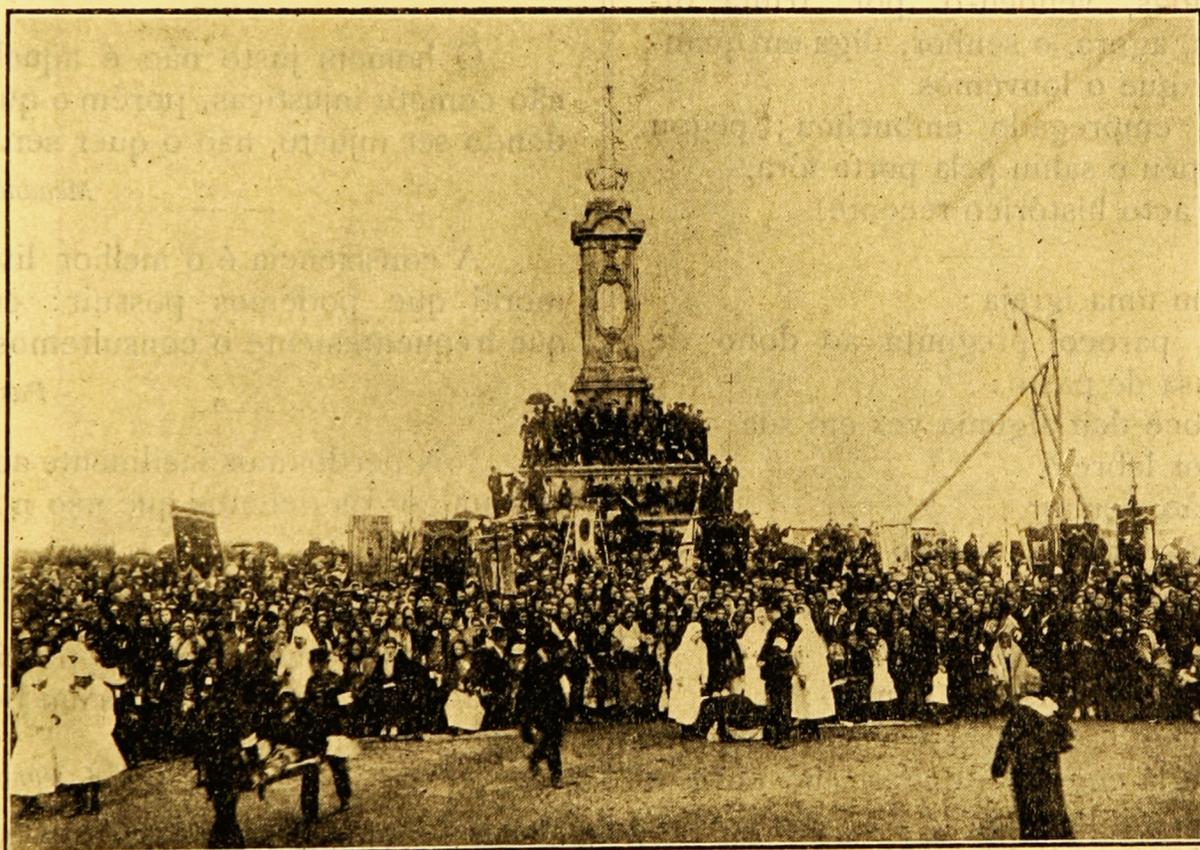


A chegada da peregrinação ao Sameiro

(Clichés de Alberto Marques)



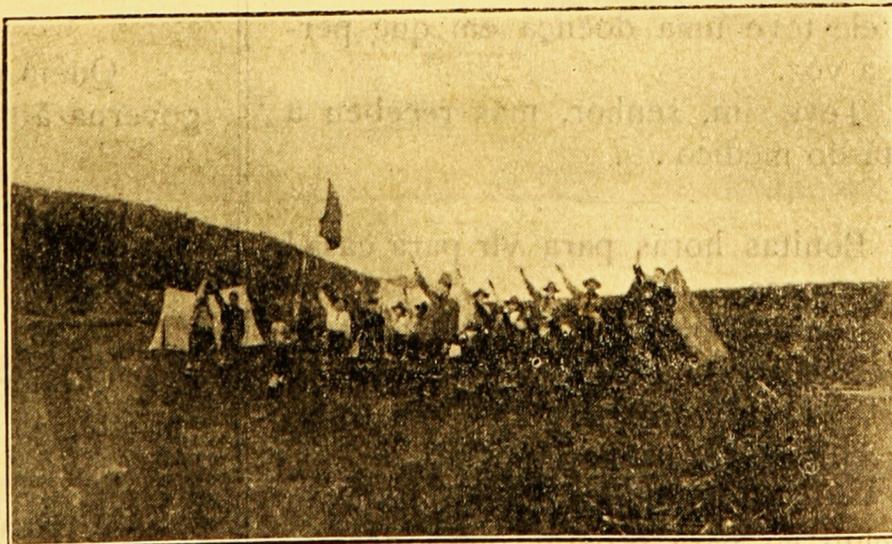
NO SAMEIRO
A Missa campal



NO SAMEIRO — Os doentes
aguardando a benção do
SS. Sacramento.

(Foto-Chic de Alberto Marques)

NO SAMEIRO — Acampa-
mento dos Scouts. Fazendo a
saudação à bandeira.



ANECDOTAS HISTORICAS

Em um Convento de Portugal, entrou um dia um empregado do governo com os louvados, para avaliar os bens da casa religiosa, roubados aos frades.

Ao chegarem deante de uma imagem de Cristo, pergunta o empregado aos louvados: — E aquele, quanto valerá?

Os louvados, que parece ainda conservavam um pouco de respeito pelas coisas religiosas, responderam:

Judas, vendeu-o por trinta dinheiros, agora, o senhor, diga em quanto quer que o louvemos.

O empregado embuchou; pegou no chapéu e sahiu pela porta fóra.

(Facto histórico recente)

Em uma igreja:

O paroco pergunta ao dono de uma casa de pasto:

Voce deu alguma vez em sua casa gato por lebre?

Não, senhor.

Mas eu já comi gato em sua casa.

Então é porque não pediu lebre.

Em uma casa de pensão:

Quem é que está a berrar daquela maneira lá em cima, que se lhe ouve a voz aqui em baixo?

E' o Snr. Baltini, o baritono.

O baritono! Mas eu ouvi dizer que ele teve uma doença em que perdeu a voz.

Teve sim, senhor, mas recebeu a conta do médico . . .

Bonitas horas para vir para casa! diz a esposa.

Bonitas horas para estares acordada! exclama o marido.

— Já há quatro horas que estou acordada só para esperar por ti.

— E eu há quatro horas que estou no club só para esperar que adormecesses.

Em um açougue:

Um freguez, vendo à porta um cão gordo, pergunta:

O seu cachorro não come a carne que lhe fica por vender?

Qual, não senhor; ele contenta-se em lambar as carnes que estão dependuradas.

A falsa modestia é um aspecto da vaidade.

La Bruyère.

O homem justo não é aquele que não comete injustiças, porém o que, podendo ser injusto, não o quer ser.

Menandro.

A consciencia é o melhor livro de moral que podemos possuir: cumpre que frequentemente o consultemos.

Pascal.

Nós perdoamos facilmente aos nossos amigos os defeitos que não nos prejudicam.

La Rochefoucauld.

E' a ventura que proporciona a bondade; os que permanecem bons no sofrimento, são santos.

J. Vontade.

Governar é descontentar. Não ha governo popular.

Anatole France.

Quem pudér governar uma mulher, governará também uma nação.

Balzac.

A liberalidade consiste menos em dar muito do que em dar oportunamente.

La Bruyère.

O talento se fórma na solidão, o character na sociedade.

Gæthe.

A virtude por calculo é a virtude do vicio.

Joubert.